

Metodologia da História e História Militar*

Renato Jorge Paranhos Restier Junior**

Introdução

Pretendemos com este artigo destacar, de forma simplificada, os novos procedimentos metodológicos na produção do conhecimento histórico que oferecem aos cientistas sociais e estudiosos um instrumental amplo para a atuação na pesquisa em História Militar.

Não cabe, nesta discussão, qualquer esforço revisionista. Entendemos que todos os trabalhos até hoje produzidos representam grandes contribuições para o desenvolvimento do conhecimento histórico.

Hoje, a História Militar procura estudar o fenômeno militar sob uma nova ótica, na qual os diversos fenômenos relacionados à guerra são integrados em uma compreensão analítica, contrapondo-se a um modelo tradicional que privilegiava o estudo técnico das grandes batalhas narradas de forma descritiva, memorialista e centrada no culto aos grandes heróis. A historiografia militar tradicional não concebia o militar e as instituições militares dentro dos contextos social, cultural, psicológico, geográfico etc., receptor e agente transformador.

Desconsiderava o diálogo constante com as correntes de um todo social, e sem qualquer problematização.¹ A História Militar, tal como a História Política, foi durante algum tempo marginalizada em função de seu rótulo de história meramente factualista. Não seria justo condenar a História Militar como a única que produziu ou que deu origem à história factual, logo não é também correto afirmar que suas mudanças hoje são singulares em relação aos outros campos da História.

Uma nova História Política

A importância de dedicarmos uma passagem neste artigo à História Política se deve ao fato de que, durante um grande período, especificamente no século XIX, os fenômenos militares eram tratados somente na esfera dos fenômenos políticos. A guerra era entendida apenas enquanto um instrumento da política. Esta perspectiva, postulada por Carl von Clausewitz,² em sua obra *Da guerra*, influenciou diversos estudiosos da teoria da guerra, da História Política, da História Diplomática

* Colaboração do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil — IGHMB.

** O autor é Primeiro-Tenente do Quadro Técnico Temporário da Marinha, graduado em História pela Universidade Gama Filho, especialista em História Militar pela Unirio/DECEx/IGHMB e mestrando do Programa de Pós-Graduação em História da Uerj. Sócio honorário do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil. Atualmente exerce a função de pesquisador do Departamento de História da Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha.

¹ CASTRO, Celso, IZECKSOHN, Vitor e KRAAY, Hendrik (Org.). *Nova História Militar Brasileira*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p. 23 e 26.

² Carl von Clausewitz foi um teórico militar prussiano do século XIX que teve sua principal obra, *Da Guerra*, publicada *post mortem*.

e demais campos do conhecimento relacionados aos fenômenos militares. Segundo Fuller, a maior contribuição de Clausewitz foi “sua insistência nas relações da guerra com a política”.³

A impossibilidade de desvincular a guerra dos fenômenos políticos fez com que as críticas à História Política fossem também dirigidas aos estudos dos fenômenos militares. Sendo estes parte da política, ou a política por outros meios, a História Militar foi tão negligenciada quanto a História Política nos movimentos de renovação da primeira metade do século XX.⁴

Sabemos que o conhecimento histórico, construído na febre cientificista do século XIX,⁵ passou por uma série de transformações na primeira metade do século XX com a *École des Annales* e no decorrer de suas gerações. Segundo Peter Burke, pode-se dividir o movimento dos *Annales* em três fases:

Em sua primeira fase, de 1920 a 1945, caracterizou-se por ser pequeno, radical e subversivo, conduzindo uma guerra de guerrilhas contra a História tradicional, a História Política e a história dos eventos. Depois da Segunda Guerra Mundial, os rebeldes apoderaram-se do *establishment* histórico. Essa segunda fase do movimento, que mais se aproxima verdadeiramente de uma *escola*, com conceitos diferentes (particularmente estrutura e conjuntura) e novos métodos (espe-

cialmente a *história serial* das mudanças na longa duração), foi dominada pela presença de Fernand Braudel.⁶

A terceira fase, iniciada por volta de 1968, se caracteriza, segundo Burke, pela fragmentação. A influência do movimento cresceu tanto que perdeu “muito das especificidades anteriores”.⁷

Era uma *escola unificada* apenas aos olhos de seus admiradores externos e seus críticos domésticos, que perseveravam em reprovar-lhe a pouca importância atribuída à política e à história dos eventos. Nos últimos 20 anos, porém, alguns membros do grupo transferiram-se da História Socioeconômica para a Sociocultural, enquanto outros estão redescobrimo a História Política e mesmo a narrativa.⁸

A História Política, negligenciada pelo movimento dos *Annales*, passou por um processo de reelaboração a partir da segunda metade do século XX, se consolidando na década de 1980.

Assim, enquanto a História Política do século XIX mostrava uma preocupação praticamente exclusiva com a política dos grandes Estados (conduzida ou interferida pelos *grandes homens*), já a Nova História Política que começa a se consolidar a partir dos anos 1980 passa a se interessar também pelo *poder* nas suas outras modalidades (que incluem

³ FULLER, John Frederick Charles. *A Conduta da Guerra: estudo da repercussão da Revolução Francesa, da Revolução Industrial, da Revolução Russa, na guerra e em sua conduta*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2002, p. 65.

⁴ BURKE, Peter. *A Escola dos Annales — 1929-1989 A Revolução Francesa da Historiografia*. São Paulo: Unesp, 1991, p. 17-22.

⁵ Para uma análise das teorias cientificistas do século XIX, ver o capítulo III intitulado *A temática do cientificismo* da obra *Invenção da História*, do professor Arno Wheling.

⁶ BURKE, Peter. Op. cit., p. 12.

⁷ *Ibidem*, p. 13.

⁸ *Ibidem*.

também micropoderes presentes na vida cotidiana, o uso político dos sistemas de representações, e assim por diante!⁹

Trabalhando com novos objetos e fazendo uma reanálise dos antigos objetos de estudo, abordando-os sob novas perspectivas, a História Política e os demais campos se reavaliam e se revigoram.¹⁰ Hoje entendemos que a História “é a história do homem, visto como um ser social, vivendo em sociedade”,¹¹ contrapondo a possibilidade de compreender as ações dos homens sem a consideração dos vários fatores constitutivos de um todo social que terão relação direta ou indireta com o objeto a ser analisado.¹² Como afirma Rémond, a “(...) renovação da História Política foi grandemente estimulada pelo contato com outras ciências sociais e pelas trocas com outras disciplinas”.

Portanto, tentar entender uma esfera de poder sem compreender, por exemplo, a cultura política do grupo social em questão, a análise não será fidedigna e permitirá muitas lacunas. Os fenômenos históricos não são estanques, são constituídos de uma série de fatores (sociais, psicológicos, políticos, econômicos etc.) que se relacionam. Perder de vista esta relação compromete o resultado da pesquisa.

As fontes históricas e a metodologia da História

Também se ampliaram a noção de fonte histórica¹³ e a relação do historiador com as

mesmas. Fontes, na perspectiva da historiografia do século XIX, se resumiam a documentos escritos e autossuficientes na produção do conhecimento histórico criados no âmbito do Estado ou de suas manifestações, cabendo ao historiador o trabalho de heurística e hermenêutica dos mesmos. Conforme tal concepção, nos documentos oficiais estaria a História pronta.

Compreendemos este tipo de preocupação metodológica quando, analisando o século XIX, percebemos que, para a consolidação da cientificidade da história, a produção do conhecimento da mesma deveria obedecer aos postulados newtonianos em vigor (regularidades nos fenômenos naturais, organização mecanicista, estabelecimento de leis etc.).¹⁴ A interferência do sujeito no processo (o mero observador, cujo único trabalho era o de descrever a fonte) era impedida pela justificativa de se buscar uma total imparcialidade no resultado da pesquisa. Essa “imparcialidade” garantia a cientificidade.

Ora, esta teoria encontra uma série de limitações. Tal imparcialidade se frustra logo no momento em que o pesquisador decide sobre o seu objeto de pesquisa. “Por que esse e não aquele?”, a própria escolha obedece a uma subjetividade. Como nos argumentos anteriores em que percebemos que não se compreende um fato se isolado de um todo social, reconhecemos também que, já no momento em que “escolhe a sua vocação até que aprende a processá-la, o historiador está rodeado de condicionamentos sociais inevitáveis”.¹⁵ Arno Wehling afirma que:

⁹ BARROS, José D'Assunção, *O campo da história: especificidades e abordagens*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

¹⁰ Idem, p. 106-109.

¹¹ BORGES, Vavy Pacheco. *O que é história?* Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 2000, p. 48.

¹² RÉMOND, René (Org.). *Por Uma História Política*, op. cit., p. 29.

¹³ LEGOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Ed. Unicamp, 1992, p. 535-549.

¹⁴ WEHLING, Arno. *A Invenção da História: estudos sobre o historicismo*. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 2001, p.57-60.

¹⁵ FLORESCANO, Enrique. *A Função Social do Historiador* in *Tempo*, Revista do Departamento da UFF, n. 4, v. 2, 1997.

... nossa imagem do conhecimento histórico e do próprio processo é relativa à nossa própria cultura e não um padrão geral que possamos aplicar indistintamente a diferentes povos e épocas.¹⁶

Então, como não tornar o conhecimento histórico o resultado da mera subjetividade de quem o produz? A História seria mero discurso em obediência às concepções ideológicas do “pseudo-historiador”? Chegamos, então, ao ponto central desta discussão. O que vai impedir uma sobreposição na pesquisa dos aspectos pessoais psicossocioculturais ligados ao pesquisador será o instrumental metodológico utilizado na pesquisa. Essa será a forma pela qual o trabalho científico se afastará de uma pura e simples produção orientada por questões políticas e/ou ideológicas.

É do desejo que surgem a música, a literatura, a pintura, a religião, a ciência e tudo o que se poderia denominar criatividade. Mas é também do desejo que surgem as ilusões e os preconceitos. Esta é a razão por que a ciência, desde seus primórdios, tratou de inventar métodos para impedir que os desejos corrompessem o conhecimento objetivo da realidade.¹⁷

Entretanto, devemos alertar ainda que não será, pois, a “(...) terapia empregada no tratamento de uma doença incurável (...)” que irá “(...) restituir-nos a saúde”. Wheling ainda adverte:

O reconhecimento da aporia, aliás, não implica a superação das dificuldades que ela

envolve; serve-nos apenas para atilar o espírito contra as tentações do reducionismo. Imaginar que deixamos de ser etnocêntricos pelo simples fato de identificarmos o etnocentrismo equivale supor que a terapia empregada no tratamento de uma doença incurável pode efetivamente restituir-nos a plena saúde, quando o que se aspira é a convivência com o mal.¹⁸

Qual o melhor método a ser utilizado? O método selecionado terá relação direta, e inevitável, com a natureza do objeto. Rubem Alves avalia de seguinte maneira:

Que é que o que o leva a escolher o anzol? É o peixe que você espera pegar. A escolha do anzol é governada por uma hipótese acerca dos peixes que podem ser encontrados.¹⁹

Assim, o que vai determinar a forma como o pesquisador atuará junto ao seu objeto será a própria natureza do objeto, ou melhor, as hipóteses que se pretende confirmar. Ou seja, “... uma hipótese; a escolha de um anzol; a pesca de um peixe, de acordo com a hipótese”.²⁰ O resultado de qualquer pesquisa dependerá do instrumental metodológico aplicado.

Não queremos dizer com isso que para cada objeto exista apenas uma ferramenta de análise. Criticamos, dessa forma, a concepção de que cabe ao historiador buscar a “verdade histórica”, absoluta, irrefutável de qualquer objeto de pesquisa que caracterizou a historiografia do século XIX. Não existe uma única verdade histórica, não existe monocausalidade,

¹⁶ WEHLING, Arno. Op. cit., p.15.

¹⁷ ALVES, Rubem. *Filosofia da Ciência: introdução ao jogo e suas regras*. São Paulo: Edições Loyola, 2000, p. 41.

¹⁸ WEHLING, Arno. Op. cit., p. 51.

¹⁹ ALVES, Rubem. Op. cit., p. 112.

²⁰ Ibidem, p. 113.

existem visões diferentes de um mesmo objeto de acordo com o instrumental metodológico empregado. Se observador “X” utilizar instrumental “X”, o resultado será “X”, se observador “Y” utilizar instrumental “Y”, terá resultado “Y”. Se trocarmos observadores e instrumentos, teremos os seguintes resultados: observador “X” + instrumental “Y” = resultado “Y”, observador “Y” + instrumental “X” = resultado “X”. Ao olharmos para o céu usando um binóculo e um telescópio, teremos visões diferentes de um mesmo objeto, o “céu”. Nenhuma será falsa, apenas cada resultado obedecerá à ferramenta que está sendo utilizada.

A própria relação sujeito-objeto foi alterada. Em lugar de relações de objetividade (científicas) e relações de subjetividade (não científicas) — com graus que iam do reísmo ao solipsismo —, abrem-se novas perspectivas, diferentes daquelas elaboradas a partir da teoria do conhecimento grego. Em lugar da simples associação do relativismo ao subjetivismo, assumiu aspecto primordial o papel da posição do observador na análise científica, posição esta que, fundamentada em premissas epistemológicas e procedimentos metodológicos, é ao mesmo tempo relativa (ao instrumental teórico disponível) e objetiva (porque corresponde, naquele nível e sob aquela perspectiva, ao conhecimento absoluto, máximo cognoscível sobre o objeto).²¹

Em síntese, a História é relativa porque permite diferentes abordagens de um mesmo objeto por meio de diferentes ferramentas de análise. O que não a torna mera subje-

tiva, pois a influência dos aspectos pessoais do sujeito (pesquisador) encontra como barreira os métodos científicos.

A teoria geral e a teoria especial da relatividade colocaram, em termos epistemológicos, a questão do perspectivismo no conhecimento: não a antiga visão subjetivista-solipsista dos sofistas, mas a relação relativista entre a posição do sujeito e o seu objeto.²²

Hoje concebemos que tudo o que restou de uma sociedade e que nos possibilite elaborar um conhecimento da mesma — conhecimento relativo e provisório — é fonte histórica, e o historiador manuseará as fontes para dar-lhes a forma, ou seja, as fontes só responderão o que o historiador perguntar. Para E.H. Carr, as fontes estão disponíveis ao historiador como “(...) os peixes estão na tábua do peixeiro”. O historiador, tal como o peixeiro, “(...) deve reuni-los, depois levá-los para casa, cozinhá-los e então servi-los da maneira que o mais atrair”.²³ Os fatos não são autoexplicativos.

E a História Militar?

Tais renovações metodológicas do conhecimento histórico e, inclusive, da história política estão sendo aplicadas ao estudo dos fenômenos militares, o que nos permite renovar as investigações neste campo de estudos, resultando em novas produções. Em outras palavras, atualmente os esforços estão voltados para analisar o fenômeno militar sob novas perspectivas, com novos objetos, procurando

²¹ WEHLING, Arno. *A Invenção da História: estudos sobre o historicismo*, p. 91.

²² *Ibidem*.

²³ CARR, E. H. *Que é história?* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984, p. 13.

do aprofundar a visão sobre objetos já analisados, enfim, levando em consideração todos os fatores da sociedade e do tempo em que está inserido o objeto de pesquisa.

A partir dessa concepção, as batalhas se tornam um dos objetos da História Militar; a História Militar não se esgota na batalha; e a batalha não perde importância, já que não é possível pensar no soldado e não pensar na batalha, na “guerra” em todas as suas conotações no tempo e espaço. São objetos da História Militar hoje os desdobramentos da guerra nas estruturas sociais, políticas, culturais etc.; os diferentes significados da guerra em diferentes culturas no tempo; a relação do fenômeno militar na organização sociocultural; as tradições (símbolos, imagens, canções etc.); o estudo das instituições militares; o gênero nas Forças Armadas etc. Há um campo fértil para o desenvolvimento de pesquisas.²⁴

Tais esforços estão sendo empreendidos por profissionais, civis e militares, ligados a instituições diversas, como a Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha, o Instituto de Geografia e História Mili-

tar do Brasil, a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro — UNIRIO — e o Departamento de Educação e Cultura do Exército com o curso de História Militar Brasileira, formando especialistas em História Militar e produzindo conhecimento que não interessa apenas à História Militar, mas a todo o conhecimento histórico. Nas palavras do historiador Paulo André Leira Parente:

Os estudos produzidos no campo de investigação da História Militar devem estar atentos aos novos métodos e procedimentos de investigação surgidos nas ciências sociais. É importante buscar a incorporação de tais métodos e renovar constantemente o campo de investigação da História.²⁵

Ainda há muito que se produzir no campo de História Militar, consciente que negligenciar o diálogo com os outros campos da História, como a chamada *Nova História Política*, com a história social, cultural, econômica, das ideias etc. é contribuir para a construção de um conhecimento estanque e pouco esclarecedor.



Referências

- ALVES, Rubem. *Filosofia da Ciência: introdução ao jogo e suas regras*. São Paulo: Edições Loyola, 2000.
- BARROS, José D' Assunção. *O Campo da História*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- BLOCH, Marc. *Apologia da História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2001.
- BORGES, Vavy Pacheco. *O que é história?* Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- BURKE, Peter. *A Escola dos Annales — 1929-1989 A Revolução Francesa da Historiografia*. São Paulo: Unesp, 1991.
- _____. *História e Teoria Social*. São Paulo: UNESP, 2002.
- CARDOSO, Ciro Flamarion, BRIGNOLI, Hector. *Os Métodos da História*. Rio de Janeiro: Graal, 1983.
- _____. VAINFAS, Ronaldo (Org.). *Domínios da História*. Ensaios de Teoria e Metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- CARR, E. H. *Que é história?* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

²⁴ Em artigo intitulado “Uma nova história militar? Abordagens e campos de investigação”, publicado na *Revista do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil* no ano de 2006, o professor Paulo Parente apresenta uma série de possibilidades de temas a serem explorados em História Militar.

²⁵ PARENTE, Paulo André Leira. “Uma Nova História Militar? Abordagens e campos de investigação”. *A Defesa Nacional*, n.º 806, 3.º Quadrimestre de 2006, p. 69.

- CASTRO, Celso, IZECKSOHN, Victor e KRAAY, Hendrik (Org.). *Nova História Militar Brasileira*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- CERTEAU, Michel. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense, 1982.
- DUBY, George. *A História Continua*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar / UFRJ, 1993.
- FLORESCANO, Enrique. *A Função Social do Historiador em Tempo*, Revista do Departamento de História da UFF, n. 4, v. 2, 1997.
- FULLER, John Frederick Charles. *A Conduta da Guerra: estudo da repercussão da Revolução Francesa, da Revolução Industrial, da Revolução Russa, na guerra e em sua conduta*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2002, p. 65.
- GLENISSON, Jean. *Iniciação aos Estudos Históricos*. São Paulo: DIFEL, 1961.
- LEGOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Ed. Unicamp, 1992.
- PARENTE, Paulo André Leira. Uma Nova História Militar? Abordagens e campos de investigação. *A Defesa Nacional*, n. 806, 3º Quadrimestre de 2006.
- RÉMOND, René (Org.). *Por Uma História Política*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.
- WEHLING, Arno. *A Invenção da História: estudos sobre o historicismo*. Rio de Janeiro: Editora Gama filho, 2001.



Editorial 2009

Coleção General Benício

ACHTUNG PANZER

O desenvolvimento da guerra blindada

Heinz Guderian

A obra apresenta a gênese da doutrina de emprego das forças blindadas com princípios ainda hoje aceitos e respeitados. O autor faz uma descrição dos cenários da Frente Ocidental, durante a Primeira Guerra Mundial, e revela como um exército "atado" pelas mais severas restrições pôde sobrepujar difíceis obstáculos e desenvolver-se, técnica e doutrinariamente, graças ao profissionalismo e à criatividade de seus chefes.